

## AS EXPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA DOS PAÍSES DO MERCOSUL NO PERÍODO DE 1986 A 2004: UMA ANÁLISE DE *CONSTANT- MARKET-SHARE*

Sibele Vasconcelos de Oliveira<sup>1</sup>

Clailton Ataídes de Freitas<sup>2</sup>

### RESUMO

Nos últimos anos, a crise do sistema de vigilância sanitária europeia, depois dos surtos da doença da vaca louca e da aftosa, e a conseqüente desconfiança do consumidor em relação à qualidade da carne produzida, abriram espaço para o consumo de carne importada. Neste contexto, países como a Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai ampliaram sua competitividade no mercado mundial de carne bovina. O presente trabalho tem por objetivo analisar, especificamente, o desempenho das exportações desse produto agrícola dos países do Mercosul no período de 1986 a 2004. Para tanto, utilizou-se o modelo *Constant-Market-Share*, o qual permitiu decompor o crescimento das exportações em quatro efeitos, quais sejam, crescimento do comércio mundial, composição da pauta, destino das exportações e competitividade. Verificou-se que o efeito competitividade foi o que mais contribuiu para o crescimento das exportações do produto. O crescimento do mercado mundial também contribuiu de maneira positiva, porém em menor grau. Já o efeito destino das exportações, que diz respeito aos mercados de exportação dos países, apresentou-se negativo, contribuindo para reduzir as exportações de carne bovina. O efeito composição da pauta apresentou-se nulo, uma vez que o presente trabalho trata de apenas um produto.

**Palavras-Chaves:** Comércio internacional, Agropecuária e Rebanho bovino.

### ABSTRACT

In recent years, the crisis of the european sanitary monitoring system, after the surtos of EEB (Encefalopatia Espongiforme Bovine) and aftosa, and the consequent diffidence of the consumer in relation to the quality of the produced meat, had opened space for the consumption of imported meat. In this context, countries as Argentina, Brazil, Paraguay and Uruguay had conquered competitiveness in the world-wide market of bovine meat. The present work has for objective specifically to analyze the performance of the exportations of bovine meat of the Mercosul countries in the period from 1986 to 2004. In such a way, the Constant-Market-Share model was used, and it allowed to decompose the growth of the exportations in four effects, which are, growth of the world-wide commerce, composition of the guideline, destination of the exportations and competitiveness. It was verified that the competitiveness effect was the one that more contributed for the growth of the product

---

<sup>1</sup> Economista pela UFSM.

<sup>2</sup> Doutor em Economia Aplicada (ESALQ); Professor Departamento de Ciências Econômicas (UFSM) e do Mestrado em Integração Latino-Americana (UFSM).

exportations. The growth of the world-wide market also contributed in positive way, however in lesser degree. The destination effect of the exportations, that relates to the markets of the countries exportation, showed to be negative, contributing to reduce the exportations of bovine meat. The composition of the guideline effect was presented null, as the present work deals with only one product.

**Key Words:** International Trade, Cattle and Bovine Flock.

## 1. INTRODUÇÃO

O comércio de alimentos de origem animal, em especial das carnes, está regido por critérios e exigências de qualidade, que determinam em grande parte os níveis de comércio e os volumes de transação, tanto no âmbito nacional como no comércio exterior. Assim, o mercado internacional vem se tornando cada vez mais restritivo à colocação de produtos alimentícios. Segundo Correa e Naranjo (2005) o consumo de carne é influenciado por questões que envolvem a preocupação dos consumidores com a saúde, com a conservação do meio ambiente e, por mudanças nos preços relativos das carnes concorrentes, como a carne de frango.

Dados da FAO revelam que o comércio mundial de carne bovina na década de 90 cresceu 4,2% a.a. entre 1990 e 1999, mas tal desempenho encobre dois períodos distintos: crescimento médio de 7,4% a.a. na primeira metade e estabilidade no período restante (0,4% a.a.). Em parte, essa retração no mercado na segunda metade do século está associada à crise do sistema de vigilância sanitária europeia, depois dos surtos de *Encefalopatia Espongiforme Bovina* BSE (popularmente conhecida como doença da vaca louca) e surtos de febre aftosa nos países da Comunidade Econômica Europeia em 1999 e 2000.

A desconfiança dos consumidores em relação à qualidade da carne produzida abriu espaço para a intensificação do consumo de carne importada. Dos países que poderiam se aproveitar desse vácuo, os europeus e o norte-americano sofreram rejeição em razão do estigma de que seus animais são tratados com anabolizantes e com rações que tem como um dos seus ingredientes a proteína animal, sendo essa, portanto, a forma de transmissão dessa doença, segundo os especialistas. Então, a carne bovina produzida no Mercosul ganhou o status de produto nobre e, o Bloco se converteu em grande provedor do mercado mundial, respondendo por uma importante parcela das exportações totais destes produtos. Dados da FAO (2006) mostram que as exportações mercosulinas atingiram em 2004, US\$ 135,6 milhões, um valor jamais alcançado desde sua criação, em 1991. Essa destacada participação do setor de carnes dos países do Mercosul no comércio exterior pode ser atribuída aos baixos

custos de produção, realização de pesquisas em melhorias do rendimento de cortes nobres e investimentos em capacidade produtiva.

A pecuária é muito importante para o setor externo argentino, sendo esse País grande produtor e exportador de produtos derivados desse setor. Dados da CEI (2005) revelam que em 2004, as manufaturas de origem agropecuária representaram 62% das vendas externas totais, explicando 40% do aumento destas no ano de 2004.

Atualmente, segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, 2005), o Brasil está entre os maiores exportadores de carne do mundo. É o primeiro fornecedor de carne bovina. Em 2004, na comparação com 2003, a produção brasileira de carne bovina evoluiu 5,7%, o consumo cerca de 1,3% e as exportações, em volume, 18,6%.

A pecuária é um setor de suma importância para a economia do Paraguai. De acordo com o Banco Central do País, a economia paraguaia obteve em 2004, crescimento de 2,9% em relação ao ano anterior. Segundo esta instituição, o crescimento foi resultado do excelente ano agropecuário. O Paraguai 15º maior exportador mundial de carne bovina, embalado pela condição de região livre de febre aftosa com vacinação (reafirmado em 2004) pela Organização Internacional de Saúde Animal (OIE), exportou 30% a mais carne que no mesmo período de 2003.

A carne bovina também exerce fundamental papel na economia do Uruguai. Dados do Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca indicam que esse produto representa, aproximadamente, dois terços do setor agropecuário. Do valor total das exportações agroalimentárias, que em 2002 somavam 70% do valor total das exportações uruguaias, os produtos de origem bovina representaram 39%.

Assim, o presente trabalho tem por objetivo analisar, especificamente, a evolução das exportações de carne bovina dos países que compõe o Mercosul, no período de 1986 a 2004. Para tanto, utilizou-se o modelo de comércio internacional *Constant-Market-Share* (CMS), com o objetivo de identificar os fatores que tiveram influência no desempenho das exportações de carne bovina. A utilização de tal modelo possibilita identificar e analisar os efeitos do crescimento do comércio mundial e do destino das exportações na competitividade do complexo de carne bovina de cada País integrante do Mercosul.

Este trabalho está composto, inicialmente, desta introdução; no item 2 analisa-se a evolução rebanho bovino e das exportações de carne bovina dos Países do Mercosul; o item 3 trata do consumo mundial de carnes frente às crises sanitárias iniciadas no final da década de 80; os aspectos metodológicos e a fonte de dados estão contemplados no item 4; no item 5

faz-se a análise dos resultados obtidos através da utilização do método CMS, e por último, no item 6, têm-se principais conclusões deste estudo.

## 2. O REBANHO BOVINO E A EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA DOS PAÍSES DO MERCOSUL

Com a força de sua cadeia produtiva de carnes, o Mercosul alcança grande importância como provedor do Mercado Mundial e é responsável por uma importante parcela das exportações totais destes produtos. Segundo dados da FAO (2006), em 2000 o mundo contava com 1.331 milhões de cabeças de gado, dos quais, aproximadamente, 244 milhões, ou seja, 18% pertenciam ao Mercosul. A Tabela 1 expressa o rebanho de bovinos nos Países do Mercosul (em milhares de cabeças) e também as exportações, no período de 1986 a 2004, em toneladas de carne.

TABELA 1 - Rebanho de bovinos (milhares de cabeças) e Exportações de carne bovina (em toneladas)

Anos	Argentina		Brasil		Paraguai		Uruguai	
	REBANHO	EXP.	REBANHO	EXP.	REBANHO	EXP.	REBANHO	EXP.
1986	52.537	137.301	126.130	80.091	8.063	40.509	8.320	100.120
1987	50.994	156.962	129.655	65.543	8.086	15.197	8.455	112.645
1988	47.075	159.200	134.824	162.325	8.120	15.452	8.555	112.890
1989	50.772	189.039	152.136	61.235	8.155	10.339	8.610	113.602
1990	52.845	257.319	147.102	45.761	8.254	17.852	8.723	113.685
1991	51.915	203.420	154.229	63.027	8.550	13.424	8.726	117.318
1992	53.011	144.321	155.134	95.031	8.820	16.379	8.880	122.575
1993	52.655	140.316	158.243	126.331	9.100	18.014	8.896	105.319
1994	53.156	204.801	161.228	145.326	9.324	18.527	9.210	152.046
1995	52.648	289.678	158.289	176.860	9.568	12.952	9.975	142.595
1996	54.000	274.699	153.058	177.800	9.764	44.431	10.651	209.754
1997	54.500	248.915	156.289	168.906	9.793	18.212	10.557	167.562
1998	54.600	164.588	159.752	156.290	9.833	15.867	10.392	157.005
1999	55.000	368.952	163.470	158.135	9.863	103.162	10.700	166.676
2000	55.260	435.639	164.520	177.809	9.865	27.244	10.680	115.833
2001	53.150	324.702	165.130	177.083	9.795	28.010	10.540	171.642
2002	52.825	380.055	164.980	184.558	9.846	24.386	10.670	221.894
2003	53.750	249.418	165.462	246.456	9.933	39.456	10.715	208.723
2004	55.000	298.961	167.471	381.092	9.910	21.967	10.800	197.482

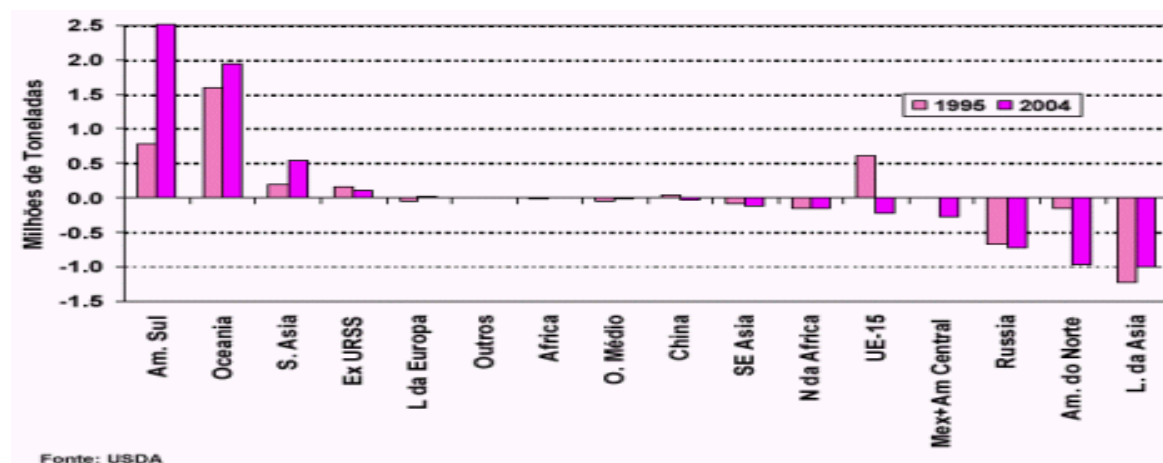
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da FAO, Sagpya, Ministerio de Ganaderia, Agricultura y Pesca del Uruguay e Ministerio de Industria y Comercio del Paraguay.

O Brasil possui o maior rebanho bovino, com 167 milhões de cabeças em 2004, isto é, 69% do total do Bloco, seguido da Argentina com 55 milhões de cabeças, ou seja, 22% do

total. Paraguai e Uruguai têm de 4,1% e 4,4%, respectivamente. Pode-se ainda observar a evolução das exportações de carne bovina por País no período de 1986-2004. Argentina, ao longo da série estudada se apresenta como o principal exportador (em toneladas) do grupo, ainda que em 2004, foi superado pelo Brasil.

Gráfico 1 revela a diferença entre a produção e consumo de carne bovina nos anos de 1995 e 2004. Os países com a maior capacidade de gerar estoques de carnes são os da América do Sul e da Oceania, por conseguir produzir bem acima do seu consumo interno. Essa situação se inverte na América do Norte e União Européia.

GRÁFICO 1 - Diferença entre Produção e Consumo de Carne Bovina: 1995 e 2004



Observa-se que a produção de carne bovina na América do Sul aumentou muito em relação ao consumo, quando se compara os dois anos da amostra, fato este que ajuda explicar o aumento das exportações dos países do Mercosul para o resto do mundo. De acordo com o Gráfico 1, em 1995, a diferença entre produção e consumo da América do Sul era de aproximadamente 0,8 milhões de toneladas, enquanto que no ano de 2004, essa diferença chegou a 2,5 milhões de toneladas.

Outros fatores também vêm contribuindo para o maior dinamismo das exportações dos Países do Mercosul – cabendo ressaltar: i) fortes mudanças de hábitos alimentares nos países asiáticos (Japão, China) e México, com cada vez maior demanda de carne vermelha; ii) aumento dos intercâmbios comerciais em nível mundial - isso devido às políticas internas de cada país do Mercosul; redução dos custos com transporte da carne; iii) desenvolvimento de novos produtos e melhora nas condições de embalagem (CANÃS e SEPULVE, 2005). Além desses, a Secretaria de Política Agropecuária y Alimentos, (2005) cita outros como: o dólar

desvalorizado em relação ao euro; ao ritmo acelerado de crescimento da economia mundial e ao forte incremento da demanda russa de produtos do setor carnes da América do Sul.

Na Tabela 2 pode-se verificar as taxas de crescimento e de tendência das exportações (mil toneladas) e do rebanho bovino (milhares de cabeças) dos Países do Mercosul. Pode-se constatar nessa tabela que o Brasil e Argentina foram os países que obtiveram maior taxa de crescimento do rebanho bovino (milhares de cabeças), (6,96%) e (4,06%), respectivamente. Uruguai obteve uma taxa de crescimento igual a 1,147% e Paraguai obteve leve queda de 0,90%. Analisando-se a tendência dos países quanto às exportações, pode-se concluir que, em valores absolutos, Brasil e Uruguai ganham destaque, com incremento médio anual de e 5,57 e 5,64 (mil toneladas), respectivamente. Cabe ressaltar, também, que todos os Países apresentaram taxas de crescimento positivas de suas exportações. Ainda, destaca-se que os Países do Mercosul apresentaram uma variável de tendência positiva.

TABELA 2 - Taxa de crescimento e tendência das exportações e rebanho bovino dos países do Mercosul.

País	Exportação		Rebanho Bovino (milhares de cabeça)	
	Taxa de Crescimento*	Tendência** (mil toneladas)	Taxa de Crescimento*	Tendência**
<b>Argentina</b>	4,42%	4,21ton.	4,06%	4,16ton.
<b>Brasil</b>	5,81%	5,57ton.	6,96%	7,43ton.
<b>Paraguai</b>	1,81%	1,26ton.	-0,90%	1,130ton.
<b>Uruguai</b>	5,95%	5,64ton.	1,147%	1,136ton.

Fonte: Elaboração própria a partir das Tabelas 1.

(\*) Obtida através do modelo de regressão log-lin, dado por  $\ln Y_t = \beta_0 + \beta_1 t$ . A taxa geométrica anual de crescimento é o (antilogaritmo do  $\beta_1 - 1$ )\*100.

(\*\*) Obtida através do modelo de regressão linear, dado por  $Y_t = \beta_0 + \beta_1 t$ .

A Tabela 2 revela ainda que as exportações de carne bovina argentina apresentam uma taxa de crescimento positiva de 4,42% ao ano, estando esse País entre os sete maiores exportadores desse tipo de carne. Gomez e Rosso (2002) destacam algumas das características que explicam a credibilidade da carne argentina no mercado internacional: i) a pecuária é realizada a pasto durante todo o ano, com uso escasso ou nulo de insumos externos; ii) a cria é feita principalmente sobre pastagens naturais e, iii) o engorde e terminação de novilhos realizam-se preponderantemente sobre pastagens cultivadas e em alguns casos, utilizando suplementação estratégica. Segundo o autor, essas características garantem ampla vantagem competitiva à pecuária argentina, pois, permite que grande parte destes sistemas possa iniciar sua conversão a sistema orgânico certificado, sem maiores gastos em estrutura nem investimentos de capital.

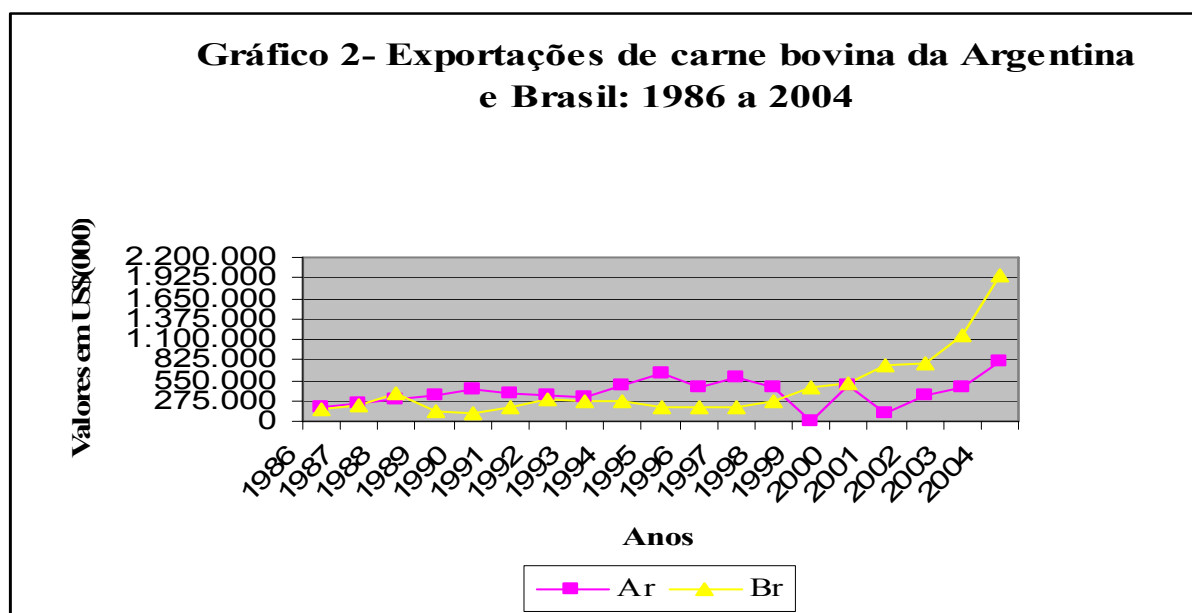
Verifica-se que o desenvolvimento do setor de carnes argentino, aliado à abertura de novos mercados, vem proporcionando ganho a esta atividade econômica.

Las exportaciones de cortes de “alta calidad” sumaron US\$ 1.152 millones, ubicándose un 42% por encima del valor registrado en 2004. Un 32% de los envíos fue destinado al mercado de la UE. Se entiende por cortes “alta calidad” a la “Carne de animales de la especie bovina, fresca o refrigerada o ongelada, deshuesada” CEI, 2005, p.10).

No entanto, Canãs (2004) detectou ainda algumas limitações no processo de comercialização da carne argentina.

Actualmente existen no más que 10 frigoríficos que son los que exportan la carne argentina. Esto hace que sea difícil lograr una clara transparencia en los precios que le pagan al productor y en la forma de hacer el comercio exterior. Los agricultores plantean que existe una falta de seriedad en el manejo industrial de la carne acompañado por una alta evasión tributaria (CANÃS, 2004).

Apesar das limitações existentes no setor, a Argentina mostra-se grande exportadora de carne bovina, conforme é retratado pelo Gráfico 2. As exportações do País estão caracterizadas pela cor rosa. Percebe-se que nos últimos anos esse País apresentou aumento significativo no valor exportado, com tendência nitidamente crescente. Isso se deve ao aumento da competitividade do País, comprovado pelos dados da Tabela 2.



Fonte: Elaboração própria com base a partir de dados da FAO.

O Brasil, segundo dados da FAO (2005) é um dos mais importantes produtores de carne bovina do mundo, (6,3 milhões de toneladas/ano), tem consumo "per capita" situado em 36,6 kg/ano. Já as exportações brasileiras de carne bovina saltaram de US\$ 475 milhões em 1997, para US\$ 3,2 bilhões em 2005 (+566%), num processo que conheceu significativa aceleração a partir de 2002.

O Gráfico 2 também apresenta as exportações de carne bovina brasileira, com linha cor amarela, no período de 1986 a 2004. Pode-se verificar a significativa aceleração das

exportações a partir de 2002. Entre os motivos para esse desempenho destacados anteriormente, para Gonçalves (2006), esse desempenho deriva diretamente das vendas externas de carne fresca e congelada, que aumentaram de US\$ 234 milhões em 1997 para US\$ 2,6 bilhões em 2005 (+988%), enquanto que as carnes manufaturadas tiveram avanços mais modestos ainda que expressivo (+155%).

A melhoria sanitária do rebanho brasileiro trouxe como resultado profundas mudanças na cadeia da bovinocultura. Observa-se que entre os anos 1986 e 2004, a população bovina cresceu a uma taxa de 6,96% (ver Tabela 2). Este desempenho favorável, de acordo com Correa e Naranjo (2005), supõe um significativo melhoramento da produção e a produtividade, principalmente pela melhora na eficiência produtiva (alimentação e genética) e reprodutiva (aumento de índice de parição), bem como redução drástica da idade de abate. Além disso, Lima e Pereira (2001) ressaltam que eventos como as doenças fito-sanitárias acabam expondo a disponibilidade do Brasil como fornecedor de carne para outros países antes abastecidos pela União Européia. Neste sentido, o Brasil tem como aliado seu sistema de produção, já que quase todo o gado brasileiro é alimentado em pastagens, e essa é uma característica agregadora de valor.

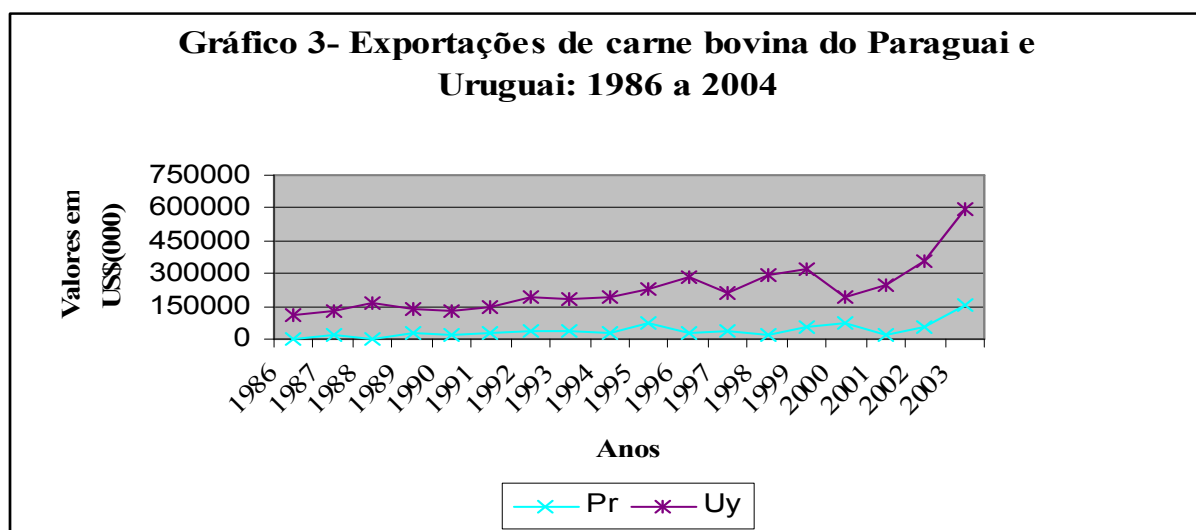
Nas últimas três décadas, o Paraguai vem experimentando desenvolvimento acelerado do setor pecuário, mediante o melhoramento da alimentação, da genética, do manejo em geral e da sanidade animal. Estes aspectos contribuíram para que esse País fosse qualificado pela União Européia como país produtor de carne de alta qualidade. Em consequência deste desenvolvimento, atualmente, a indústria de carne bovina paraguaia está passando por um momento histórico, chegando a níveis de exportação recordes, e um ambiente muito favorável para sua maior expansão.

Dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, 2005), revelam que em 2004, o valor das exportações de carne bovina paraguaia chegou a superar os US\$ 136 milhões, e em 2005 alcançaram os US\$ 246 milhões. A carne paraguaia é exportada para 27 países, sendo que os principais mercados são Chile, Rússia e Brasil.

O setor agropecuário se desenvolveu em um contexto macroeconômico que mostra avanços em seus indicadores com respeito aos anos anteriores e se destaca que a economia paraguaia se encontra cada vez mais dependente desse setor, sendo atualmente a soja e a carne bovina os impulsores do dinamismo da atividade econômica. Para dar ao leitor uma noção da importância desse setor para a economia paraguaia, o PIB Agropecuário em 2004, segundo Safras Y Mercados (2004), cresceu na ordem de 4% e que a produção pecuária foi a atividade de maior dinamismo, ao apresentar um crescimento de 18%.



O Gráfico 3 revela o total de exportações do Paraguai e do Uruguai. Nota-se que o Paraguai mostra-se cada vez mais competitivo no mercado internacional, isso fica mais visível quando se olha os dados a partir de 2002.



Fonte: Banco Central Del Paraguay.

A produção de carne bovina no País passou de 9.865.000 cabeças no ano de 2000, a 9.910.000 cabeças no ano de 2004, representando um crescimento na ordem de 4%. Observa-se ainda que o rebanho bovino do Paraguai aumentou em média a cada ano cerca de 1,13 milhões de cabeças de gado (ver Tabela 2).

Segundo o Ministerio de Agricultura y Ganadería de Paraguay (2006), a produção de bovinos no Paraguai tem se desenvolvido principalmente pela expansão da fronteira bovina sobre os montes naturais da Região Oriental e do Chaco, sendo que a produtividade nestes campos é bem alta.

O Uruguai vem desempenhando um papel de suma importância no mercado mundial de carnes, atingindo, atualmente, o 9º lugar entre os maiores exportadores. Vale destacar que, segundo o Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, a pecuária desempenha importante fator de crescimento econômico nacional.

Dados da FAO (2006) revelam que o Uruguai, em 16 milhões de hectares, possuía em 2004, uma massa bovina de 10,8 milhões de cabeças de bovinos, com uma taxa de extração de 18%, para uma população de 3,3 milhões de habitantes. A quantidade de carne produzida é de 451.000 toneladas. Expressado por habitante, corresponde a uma existência de 3,3 animais por habitante; 77 kg. de consumo interno, 60 kg. de carne exportada com um valor líquido de US\$ 88,2 por habitante.

Segundo o Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (2005), o crescimento da produção Uruguai viu-se acompanhado de melhoramento significativo dos preços,

especialmente da exportação, coincidindo com alta oferta de rebanho bovino, capacidade de engorde sem precedentes e a eliminação da febre aftosa.

Pode-se constatar no Gráfico 3, através da linha em tom roxo, as exportações de carne bovina do Uruguai, no período de 1986 a 2004. Detecta-se que nos últimos anos o País apresentou um significativo aumento no valor exportado.

É importante destacar que as exportações uruguaias, como pode se verificar na Tabela 2, cresceram cerca de 5,95% ao ano, o que significou que a cada ano esse País exportou cerca de 5,64 mil. toneladas a mais de carne. Entretanto, González (2001) ressalta que o elemento crítico neste crescimento das exportações foi a entrada no mercado sem aftosa.

Ao comparar a participação percentual nos anos de 1990 e de 2000, das exportações de carne, de acordo com o destino, destaca-se o crescimento, no ano 2000, da exportação de carnes destinadas ao NAFTA (38%), aos quais se somam, com menor importância, as exportações para o Japão e a Coreia (8%) e para países do Caribe, em detrimento aos mercados tradicionais, tais como o Brasil, ao qual, em 1990, 39% das exportações eram destinadas

### **3. RESTRIÇÕES E REGULAMENTAÇÕES DO CONSUMO DE CARNE, APÓS AS CRISES SANITÁRIAS DAS ÚLTIMAS DUAS DÉCADAS**

O comércio de alimentos de origem animal, em especial das carnes, está regido por critérios e exigências de qualidade, que determinam em grande parte os níveis de comércio e os volumes de transação, tanto no âmbito nacional como no comércio exterior. Segundo (Junior e Ramos, 2005), entre os critérios de qualidade, se encontram os relativos à qualidade higiênico-sanitária do produto e ao estado de saúde dos animais de onde provem a carne. Estes critérios estão marcados tanto em exigências de âmbito nacional e internacional. No contexto nacional, tais normas emanam dos Ministérios da Saúde e da Agricultura, tendentes a resguardar a saúde dos consumidores assim como a sanidade e bem estar animal. No âmbito internacional, estas apontam a resguardar a saúde de consumidores extrafronteiras e a sanidade dos animais dos países importadores. Estas regulamentações de nível internacional, destinadas a resguardar o livre comércio, foram definidas pela Organização Mundial do Comércio (OMC) dentro do Acordo de Medidas Sanitárias e Fitosanitárias (acordo SPF), onde o CODEX e a OIE são referentes técnicos.

A carne bovina tem sido nos últimos anos uma das principais fontes de proteína para um adequado estado de saúde. No entanto, como destaca Ferreira (2005) o protecionismo,

crises econômicas em diversos países e problemas relacionados a segurança alimentar, como no caso da ‘vaca-louca’, vem causando sérias mudanças no perfil do mercado mundial.

Contudo, os produtos de origem animal, eventualmente, podem ser fontes de infecção e contaminação que prejudicam a saúde dos consumidores, o que pode afetar a saúde dos animais que consumiram ou se expuseram a tais produtos, e difundi-los ao resto da população, com sério impacto econômico social (Junior e Ramos, 2005).

As diversas regulamentações sobre qualidade sanitária mencionada, na prática se traduzem em um conjunto de protocolos de mitigação de risco, que devem ser aplicados ao largo da cadeia de produção e de comercialização, desde o nível de rebanho, tanto nos animais individualmente, no transporte, comercialização, abate processamento, distribuição, comércio e consumo.

O consumo de carne bovina tem aumentado muito lentamente no mundo como um todo, a exceção fica por conta da Ásia. Segundo dados da FAO (2004), em dezoito anos a produção mundial saltou de 45,5 milhões de toneladas, em 1980, para 53,7 milhões de toneladas, em 1997. Nesse mesmo período a produção de carne bovina na área da União Européia caiu de 8,5 milhões de toneladas para 7,9 milhões de toneladas. Nos EUA, há quase vinte anos a produção de carne bovina se encontra estagnada em 19 milhões de toneladas e as importações têm compensado o aumento do consumo interno. (Gazeta Mercantil, 2001).

Segundo Junior e Ramos (2005), existem duas características marcantes com relação ao consumo mundial de carne bovina. A primeira diz respeito a uma mudança nos padrões alimentares por que tem passado a sociedade, influenciada principalmente pelo crescimento da renda, pelas mudanças nos preços relativos das carnes concorrentes (frango e suínos) e também, por uma preocupação crescente com a saúde e, com a conservação do meio ambiente. A segunda característica está diretamente relacionada à primeira e diz respeito à estabilidade esperada no consumo de carne bovina no futuro. Efeitos compensatórios entre as regiões desenvolvidas e as em desenvolvimento do mundo, explicam porque o consumo parece ter atingido certa estabilidade.

Com referência a influência do preço, na opção entre adquirir carne bovina ou suas substitutas, é importante destacar que este é um dos elementos mais importantes que influenciam a demanda. Os preços da carne bovina, na segunda metade da década de 1980, tiveram aumento acentuado sofrendo a partir daí um processo de recuo, com uma alta no ano de 1994 e voltando a cair nos anos 1995 e 1996. Esperava-se que a queda dos preços trouxesse maior competitividade para a carne bovina, aumentando a sua participação no

mercado (SEBRAE, 2000). Contudo, principalmente na Europa, a queda de preços não tem sido capaz de melhorar a posição da carne bovina no mercado.

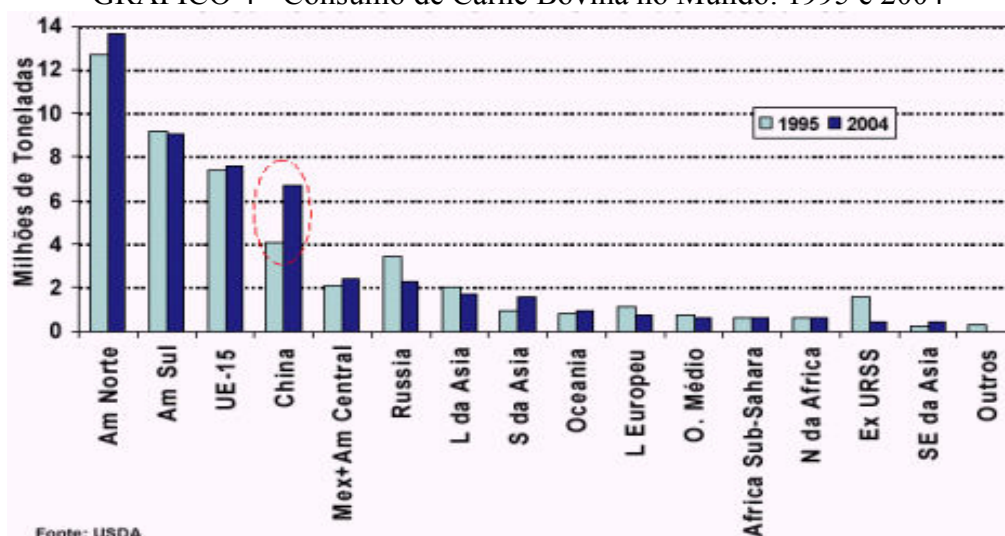
Nos EUA, a produção conjunta de carnes (suínos, aves e bovinos) tem crescido significativamente e exercido pressão para baixar os preços da carne bovina. O aumento do custo da alimentação dos bovinos, nesse país, tem reduzido as margens de lucro e forçado a redução dos rebanhos de bovinos de corte, desde 1996, esse efeito é típico das fases de contração dos ciclos, baixando os preços, mas aumentando as suas importações. (IEL-SEBRAE-CNA, 2000).

Em nível mundial, segundo dados do USDA (2006), a carne bovina é a terceira mais consumida, atrás da carne de frango e da carne suína. Atualmente, nos EUA, ela ocupa o segundo lugar em consumo, atrás somente da carne de frango. Cerca da metade total de carne vermelha consumida (bovina, ovina e suína) é a carne bovina.

Segundo a FAO, o consumo agregado de carnes no mundo, em 1998 alcançou 238 milhões de toneladas equivalente carcaça (t.e.c.), volume próximo ao da produção e 4,5% superior ao apresentado no ano anterior. O consumo per capita de carnes obteve uma média anual de 38,5 quilos em 2002.

O Gráfico 4 apresenta o consumo de carne bovina no mundo nos anos de 1995 e 2004. Percebe-se que, com exceção da América do Norte, da China e do sul da Ásia, o consumo de carne bovina mostra-se estável nos dois anos analisados. Vale destacar o aumento significativo do consumo na China, que consumiu mais de 6 milhões de toneladas em 2004.

GRÁFICO 4 - Consumo de Carne Bovina no Mundo: 1995 e 2004

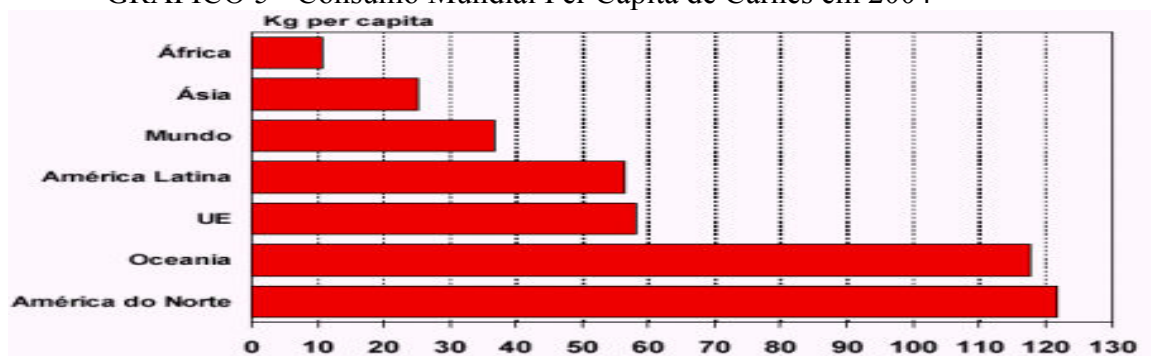


No entanto, o mix de consumo das carnes varia enormemente entre os países do mundo. No Mercosul e Austrália, a predominância de consumo é da carne bovina. Primeiramente por serem países de abundantes extensões territoriais e, assim, poderem

produzir carne proveniente de pasto natural a baixo custo relativo. Além disso, as produções de suínos e frango, por serem feitas em granjas, exigem grandes investimentos em instalações e alimentação balanceada. Na Ásia, a situação é um pouco mais diversificada. Enquanto na China prevalece o consumo do suíno, principalmente por ser uma proteína de subsistência familiar a baixo custo, no Japão o consumo de pescados desbancam as carnes que disputam fatias apertadas de mercado entre si. Em alguns países, são as questões religiosas que ditam o consumo. Na Índia não se come carne bovina, enquanto, nos países árabes a carne suína é banida do cardápio. Nos EUA, por exemplo, a disseminação dos *fast food* com os hambúrgueres, hot-dogs e nuggets, provocam um alto consumo de carne bovina e frango, situação esta pouco menos expressiva no Canadá (Ferreira, 2005).

No Gráfico 5 pode-se verificar o consumo mundial per capita de carnes no ano de 2004. Percebe-se que a América do Norte, a Oceania e a União Européia são os maiores consumidores de carnes.

GRÁFICO 5 - Consumo Mundial Per Capita de Carnes em 2004

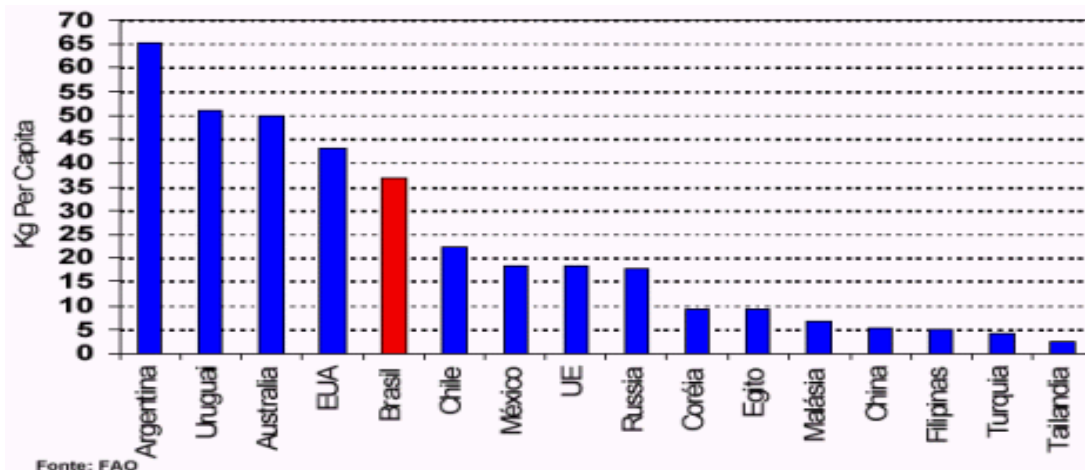


Fonte: USDA.

O Departamento de Agricultura dos EUA (2005) realizou estudo sobre o perfil do maior consumidor de carne bovina. O estudo em questão é a Entrevista de Consumo Doméstico realizado, anualmente, desde 1998. Tal entrevista revelou que os homens consomem cerca de 60% a mais carne bovina que as mulheres. Dos 39 Kg/ano de carne bovina consumida pelo homem, a mulher consome somente 22 Kg/ano. O intervalo de idade que mais consome a carne bovina, com enorme diferença frente ao resto, está compreendido entre os 12 e os 49 anos. Os homens entre 20 e 39 anos consomem uma média de 50 Kg ao ano. Por grupos étnicos, os da raça negra são os que mais consomem carne bovina, seguidos dos hispanos e saxões. A maior parte da carne consumida é preparada em casa ou a domicílio (65%). Cerca de 86% da carne adquirida é fresca e, especialmente picada. O principal consumidor deste tipo de carne possui baixa ou média renda, e chega a consumir quase 2 Kg a mais por ano que os demais níveis de renda. Por âmbito rural-urbano, os maiores consumidores são as populações rurais, seguidas das zonas suburbanas e urbanas.

O Gráfico 6 revela o consumo per capita de carne bovina em mercados selecionados no ano de 2004. Percebe-se que argentinos, uruguaios, australianos, americanos e brasileiros são os que mais demandam carne bovina.

GRÁFICO 6 - Consumo Per Capita Anual de Carne Bovina para Mercados Selecionados:  
2004



Os consumidores europeus passaram a defender o bem-estar animal, a saúde animal, a saúde pública e a preservação ambiental. Essas novas demandas surgiram principalmente em função dos problemas causados pela doença da “vaca-louca” na Europa, decorrente do consumo pelo gado de rações à base de proteína animal, isso resultou na introdução de sistemas rigorosos de rastreabilidade dos produtos carneos.

Os problemas sanitários são os principais fatores inibidores das exportações de carne bovina, especialmente em virtude da incidência de febre aftosa e da BSE. Por exemplo, o mercado norte-americano está fechado para as exportações de carne in natura, aceitando apenas as carnes industrializadas.

Para (Faveret Filho e Paula 1997), o consumo mundial de carne bovina tem sofrido queda constante devido a dois fatores: em primeiro lugar, a competição com a carne de frango e, em segundo, os efeitos do “mal da Vaca Louca”, levando, na Europa, a uma diminuição do consumo que chegou a 50%, no primeiro momento, estabilizando-se posteriormente em, aproximadamente, 85% do consumo anterior, com fortes efeitos sobre os preços.

Diante deste cenário foram criadas comissões com o intuito de fiscalizar e controlar o comércio de produtos alimentícios. No que se refere ao regulamento sanitário, fitossanitário e de saúde animal, as importações de produtos animais têm de ser originárias de estabelecimentos aprovados pela Comissão Européia (Diretiva nº 92/46). O processo de aprovação exige que as autoridades dos países exportadores relacionem, para cada categoria de produto, os estabelecimentos responsáveis pela produção, assegurando que tais

estabelecimentos atendem os requerimentos de saúde pública e animal da UE. Além disso, as inspeções sanitárias feitas pela UE em terceiros países incluem referência ao atendimento das exigências de bem estar animal, que não corresponde às regras da Organização Mundial do Comércio (OMC) (SECEX, 2001). Em relação à saúde e proteção ao consumidor, a prioridade deve ser a restituição da confiança do cidadão comunitário em suas instituições, confiança essa abalada em função da crise da dioxina e doença da vaca louca.

De acordo com a Diretiva 96/23/CE (SECEX, 2001), que entrou em vigor em janeiro de 1997, sobre resíduos biológicos, a importação de animais e de carne de animais que foram administrados com determinados hormônios de crescimento é proibida pela UE, mas essa diretiva não foi notificada à OMC. As carnes bovinas com osso e os bovinos vivos estão proibidos de entrar na UE sob alegação de contaminação por febre aftosa.

Devido à doença BSE, foi emitida a Decisão 2000/418 da Comissão Européia, que regulamenta o uso de materiais específicos de risco em relação a essa doença, estabelecendo as exigências sobre as importações da Comunidade oriundas de terceiros países, sendo que estes devem apresentar um informe das análises de risco geográfico da BSE (SECEX, 2001).

A UE, em 1997, instituiu um programa de etiquetagem da carne bovina, que na primeira fase foi voluntário (01/04/98 a 31/08/00), sendo que a partir de 01/09/00 passou a ser obrigatório com a publicação do Regulamento 1760/2000, que revogou a regulamentação anterior. Assim, toda carne bovina comercializada na UE deverá ter obrigatoriamente etiqueta com indicação do código de rastreabilidade e dos locais de abate e de desossa. A partir de 2002 completa-se a implantação do sistema obrigatório, passando a ser necessário indicar informações referentes à fase “ante-mortem” (SECEX, 2001).

#### **4. METODOLOGIA**

Este capítulo apresenta a metodologia empregada para analisar o comportamento e o desempenho das exportações de carne bovina dos países do Mercosul.

##### **4.1 Referencial Teórico**

O modelo *Constant Market Share* (CMS) é utilizado para analisar o comportamento e a competitividade das exportações de carne bovina do Mercosul nas últimas duas décadas.

Para Sereia e Câmara (2002), a hipótese implícita no modelo de decomposição CMS é a de que o país aumenta sua participação no comércio mundial e suas exportações crescem acima da média quando: a) estão concentradas em mercadorias cujas demandas crescem mais rapidamente; b) são destinadas a mercados/países cuja demanda cresce relativamente mais rápido; c) estão se beneficiando de outros ganhos de competitividade, além dos mencionados.

Para Horta (1983), o modelo de *Constant-Market-Share* atribui o crescimento favorável ou desfavorável do setor exportador de um dado país à estrutura das exportações e também à competitividade. A pressuposição do modelo é que o país mantém constante sua parcela de mercado no comércio mundial. Caso haja alteração nessa parcela, ela deve estar implícita no modelo e sua efetiva performance é atribuída à competitividade. Neste caso, a taxa de crescimento das exportações é decomposta em quatro efeitos, quais sejam, crescimento do comércio mundial, composição da pauta de exportações, destino das exportações e competitividade.

Esse modelo permite determinar o peso de cada um desses efeitos nas exportações e mostra a extensão para a qual estas se direcionam para mercadorias e, ou, mercados com maior potencial de expansão.

Segundo Carvalho (1995), apesar do método ter um caráter retrospectivo, há possibilidade de se fazer inferências sobre o direcionamento do setor exportador, para mercados mais vantajosos, e sobre a concentração em mercadorias com perspectivas mais dinâmicas, pressupondo a continuidade das tendências observadas nesses mercados.

O modelo de (CMS) tem sido utilizado para a análise do comportamento das exportações tanto para produtos industriais como para produtos agrícolas. No Brasil, vários trabalhos foram desenvolvidos para o setor agrícola, entre eles, o de Stalder (1997) para o açúcar, o de Carvalho (1995) para a agroindústria e o de Vasconcelos (2003) para o complexo soja.

#### 4.2 O Modelo Utilizado

Segundo Leamer e Stern (1970), Carvalho (1995) e Stalder (1997), a forma mais simples do modelo CMS é definida por:

$$S \equiv q/Q = f'(c/C), \text{ sendo } f' > 0 \quad (1)$$

onde:

$S$  = parcela de mercado de um país  $Z$  como função de sua competitividade relativa;

$q, Q$  = quantidades exportadas totais do país  $Z$  e do mundo, respectivamente;

$c, C$  = competitividade do país  $Z$  e do mundo, respectivamente.

O modelo CMS completo considera a estrutura das exportações do país, a qual, mesmo na ausência de mudanças na competitividade relativa, pode afetar o comportamento das exportações ao longo do tempo. As exportações podem estar concentradas em produtos com demanda recente ou destinando-se a regiões mais dinâmicas e vice-versa.

Assim, considerando a identidade (1), tem-se



$$S \equiv q_{ij} / Q_{IJ} = f_{ij}(c_{ij} / C_{ij}), f_{ij} > 0, \quad (2)$$

onde:

$i$  = produto=carne bovina;

$j$  = mercado de destino.

A variável básica deste trabalho é o valor das exportações, e as estimativas referem-se a pontos discretos no tempo. Partindo do modelo básico, com exportações não-diferenciadas por produto e regiões, obtém-se a identidade:

$$V_{..}^* - V_{..} \equiv rV_{..} + (V_{..}^* - V_{..} - rV_{..}) \quad (3)$$

(a)                      (b)

onde:

$V_{..}$  = valor total das exportações do país Z, período 1;

$V_{..}^*$  = valor total das exportações do país Z, período 2;

$r$  = incremento das exportações mundiais do período 1 para o período 2.

A variação das exportações do país Z de um período a outro está associada à variação das exportações mundiais (a) e a um efeito residual atribuído à competitividade (b). Como as exportações se compõem do conjunto de produtos de carne bovina, tem-se para o  $i$ -ésimo produto uma expressão análoga à (3).

$$V_{i.}^* - V_{i.} \equiv r_i V_{i.} + (V_{i.}^* - V_{i.} - r_i V_{i.}) \quad (4)$$

onde:

$V_{i.}$  = valor total das exportações de carne bovina do país Z, período 1;

$V_{i.}^*$  = valor total das exportações de carne bovina do país Z, período 2;

$r_i$  = incremento das exportações mundiais de carne bovina do período 1 para o período 2.

Essa expressão pode ser agrupada em:

$$V_{..}^* - V_{..} \equiv \sum r_i V_{i.} + \sum (V_{i.}^* - V_{i.} - r_i V_{i.}) \quad (5)$$

$$V_{..}^* - V_{..} \equiv (rV_{..}) + \sum (r_i - r)V_{i.} + \sum (V_{i.}^* - V_{i.} - r_i V_{i.}) \quad (6)$$

Finalmente, considerando a diferenciação das exportações também por destino, chega-se à equação de CMS para o tipo particular de produto e uma região particular de destino:

$$V_{ij}^* - V_{ij} \equiv r_{ij} V_{ij} + (V_{ij}^* - V_{ij} - r_{ij} V_{ij}) \quad (7)$$

onde:

$V_{ij}$  = valor total das exportações de carne bovina do país Z, para o país J, período 1;

$V_{ij}^*$  = valor total das exportações de carne bovina do país Z, para o país J, período 2;

$r_{ij}$  = incremento das exportações mundiais de carne bovina para o país J do período 1 para o período 2.

Da mesma forma, essa equação pode ser agrupada em:

$$V_{..}^* - V_{..} \equiv \sum \sum r_{ij} V_{ij} + \sum \sum (V_{ij}^* - V_{ij} - r_{ij} V_{ij}) \quad (8)$$

A equação completa do modelo que leva em consideração todos os efeitos, anteriormente mencionados, é apresentada a seguir:

$$V_{..}^* - V_{..} \equiv r V_{..} + \sum_i (r_i - r) V_i + \sum_i \sum_j (r_{ij} - r_i) V_{ij} + \sum_i \sum_j (V_{ij}^* - V_{ij} - r_{ij} V_{ij}) \quad (9)$$

(a)      (b)                      (c)                      (d)

onde:

$V_{ij}$  = valor das exportações de carne bovina para o país j, no período 1;

$V_{ij}^*$  = valor das exportações de carne bovina para o país j, no período 2;

$r_{ij}$  = incremento percentual das exportações mundiais de carne bovina para o país j do período 1 para o período 2.

A equação acima permite decompor a taxa de crescimento das exportações do país em questão,  $(V_{..}^* - V_{..})$  em quatro efeitos, quais sejam:

(a) **Efeito crescimento do comércio mundial:** aumento observado se as exportações do país tiverem crescido à mesma taxa de crescimento do comércio mundial, ou seja, o crescimento das exportações ocorre devido ao crescimento mundial das exportações.

(b) **Efeito composição da pauta:** mudança na estrutura da pauta com concentração em mercadorias com maior crescimento de demanda, ou seja, aumento devido à composição das exportações do país. Neste caso, o efeito composição da pauta será positivo se as exportações estiverem concentradas em mercadorias de maior expansão ou quando a taxa de crescimento for superior à mundial. Tendo em vista que o trabalho aborda o desempenho de apenas um produto, este efeito é zero.

(c) **Efeito destino das exportações:** mudanças decorrentes das exportações de mercadorias para mercados de crescimento mais ou menos dinâmicos, ou seja, crescimento decorrente da distribuição do mercado de exportação do país.

(d) **Efeito residual, representando competitividade:** o resíduo reflete a diferença entre o crescimento efetivo das exportações e o crescimento que teria ocorrido nas exportações do país se a participação de cada bem, para os mercados compradores, tivesse sido mantida. A medida deste efeito residual está relacionada com mudanças nos preços relativos, ou seja, os importadores tendem a substituir o consumo dos bens cujos preços se elevam pelo consumo daqueles com preços relativos menores.

### 4.3 Período de análise

Há necessidade de se fixarem períodos de análise, na medida em que o modelo (CMS) é realizado entre pontos discretos no tempo. Segundo Carvalho (1995), considerando que a estrutura das exportações sofre mudanças ao longo do tempo, a divisão em sub-períodos mais curtos permite identificar, com mais precisão, as mudanças que ocorreram entre o início e o fim do período de estudo. Neste estudo são selecionados quatro sub-períodos, cada um representando a média de três anos e demonstrando momentos importantes da economia mundial, em que se observou mudanças nos fundamentos macroeconômicos e nas políticas comerciais do setor de carnes. Assim, tem-se:

- a) 1986/87/88 – período tomado como base para a análise. Representa a situação das exportações de carne bovina antes da abertura comercial ao mercado de carnes, que se iniciou a partir de 1988, devido ao surgimento dos primeiros focos da BSE na Europa.
- b) 1993/94/95 – período que representa os primeiros anos da abertura comercial ao mercado de carnes dos países sul-americanos.
- c) 1998/99/00 – período em que o comportamento das exportações se alterou devido às crises financeiras mundiais e à flexibilização cambial brasileira.
- d) 2002/03/04 – observa-se a partir deste período que as exportações dos países do Mercosul de carne bovina obtiveram significativa aceleração.

### 4.4 Fonte de Dados

Os dados foram obtidos através das seguintes Instituições:

Exportações de carne bovina da Argentina: FAOSTAT, Centro de Economia Internacional (CEI) e Sagpya.

Exportações de carne bovina do Brasil: FAOSTAT, *Aliceweb*, da Secretaria do Comércio Exterior – SECEX e Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Exportações de carne bovina do Paraguai: FAOSTAT e Ministerio de Industria y Comercio del Paraguay.

Exportações de carne bovina do Uruguai: FAOSTAT e Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca del Uruguay.

As consultas foram realizadas via Internet.

## 5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A aplicação do modelo CMS às exportações de carne bovina dos países do Mercosul permitiu analisar a decomposição e a contribuição dos efeitos relacionados ao crescimento do comércio mundial, ao destino das exportações, bem como à sua competitividade nos quatro subperíodos considerados. Vale salientar, que o efeito composição da pauta não consta no quadro abaixo, já que, no caso de haver apenas uma mercadoria (carne bovina), seu efeito é nulo.

Os resultados da decomposição das exportações de carne bovina dos países do Mercosul são apresentados na Tabela 3. Para efeito de interpretação, Argentina está representada por (AR), Brasil por (BR), Paraguai por (PR) e Uruguai por (UY).

TABELA 3 - Taxas e fontes de crescimento das exportações de carne bovina dos países do Mercosul – 1986/2004

Indicador	Períodos											
	1986-1988 1993-1995				1993-1995 1998-2000				1998-2000 2002-2004			
	AR	BR	PR	UY	AR	BR	PR	UY	AR	BR	PR	UY
<b>a) Taxas de Crescimento (%)</b>												
<b>Exportações Mundiais</b>	90,0	<b>90,0</b>	90,0	<b>90,0</b>	1,4	<b>1,4</b>	1,4	<b>1,4</b>	33,2	<b>33,2</b>	33,2	<b>33,2</b>
<b>Exportações por país</b>	144,5	<b>221,4</b>	59,6	<b>116,5</b>	50,4	<b>79,2</b>	60,0	<b>143,5</b>	74,6	<b>85,3</b>	316,3	<b>188,4</b>
<b>b) Fontes de Crescimento (%)</b>												
<b>Crescimento do comércio mundial</b>	29,0	<b>90</b>	45,3	<b>96,3</b>	24,3	<b>0,9</b>	23,0	<b>46,2</b>	33,1	<b>23,1</b>	59,6	<b>42,3</b>
<b>Destino das exportações</b>	-6,3	<b>-46,3</b>	-6,3	<b>-3,0</b>	-13,2	<b>-3,1</b>	4,9	<b>5,1</b>	3,56	<b>-1,2</b>	6,1	<b>3,5</b>
<b>Competitividade</b>	31,5	<b>121,3</b>	-19,6	<b>18,5</b>	107,8	<b>97,2</b>	84,7	<b>77,8</b>	106,7	<b>146,5</b>	50,8	<b>78,0</b>

Fonte: Elaborada pela própria a partir de dados da FAOSTATIST.

Analisando a Tabela 3, observa-se que o efeito crescimento do comércio mundial e o efeito competitividade podem ser os principais fatores explicativos para o aumento das exportações dos países do Mercosul neste período. Observa-se que o primeiro período pode ser caracterizado como o de maior dinamismo das exportações de carne bovina, com exceção

do Paraguai e Uruguai, que no último período apresentaram alta taxa de crescimento de suas exportações (316,3% e 188,4%), respectivamente. Tal resultado pode derivar dos bons indicadores da variável tendência quanto à produção e exportação (Tabela 2).

A evolução das médias de cada período mostra o crescimento diferenciado e mais expressivo do Paraguai e do Uruguai no período 2002-2004, indicando que as exportações destes países foram influenciadas em parte pela recuperação do crescimento das exportações mundiais de carne bovina, pois se verificou que a taxa de crescimento dessas, em relação ao período anterior (de 1,42% para 33,28%). Brasil e Argentina apresentaram crescimento mais expressivo no primeiro período (221,4% e 144,5%, respectivamente), demonstrando que foram esses países os que mais se beneficiaram desse bom desempenho das exportações em nível mundial.

O efeito destino das exportações argentinas mostrou-se negativo (-6,3%) e (-13,2%) nos dois primeiros subperíodos, no entanto recupera-se no último subperíodo (3,56). Os indicadores brasileiros também mostraram tal comportamento (-46,31%), (-3,12%) e (-1,25%). O efeito destino das exportações paraguaias mostrou-se positivo nos últimos dois períodos (4,90%) e (6,14%). O indicador uruguaio mostrou-se negativo (-3,02%) no período de 1993-1995. No entanto, percebe-se melhora no mesmo ao longo do tempo, (5,13%) em 1998-2000 e (3,56%) em 2002-2004. Segundo (Camara, 2005) as exportações dos países do Mercosul foram influenciadas em parte pelas crises que se abateram sobre a economia mundial, pois se verificou que a taxa de crescimento das exportações mundial decaiu no final da década de 90.

Vale destacar que, em 1986 ocorreu o primeiro caso de BSE (vaca-louca) na Inglaterra, fato que alavancou as exportações de carne bovina de países sem incidência da doença. Como os países do Mercosul não apresentaram focos da doença, é possível que o bom desempenho do setor seja conseqüência deste fato.

O efeito competitividade significa que uma economia é competitiva na produção de determinada mercadoria quando consegue pelo menos se igualar aos padrões de eficiência vigentes no resto do mundo quanto à utilização de recursos e à qualidade do bem. Neste sentido, a Argentina mostra-se competitiva, já que possui indicadores positivos (31,5%; 107,8% e 106,9%), na média dos três períodos analisados, respectivamente. O Brasil também se mostrou competitivo na produção de carne bovina, pois apresenta bons indicadores (121,34%; 97,24% e 146,5%). O efeito competitividade do Paraguai mostrou que o país não era competitivo na produção de carne bovina no período de 1993-1995, já que seu indicador foi negativo (-19,66%). No entanto, nos demais períodos aumentou a sua competitividade, de

forma que esse efeito tornou-se positivo (84,78% e 50,84%). Pode-se ressaltar, os bons resultados do País no que se refere à taxa de crescimento e tendência (ver Tabela 2). Já o Uruguai demonstrou que é competitivo na produção de carne bovina. O país apresentou resultados positivos (18,54%; 77,84% e 78,05%), demonstrando que produz com padrões de eficiência aceitados internacionalmente.

A competitividade dos países do Mercosul pode ser atribuída ao sistema de produção da carne bovina nos respectivos países. A utilização de pastos naturais, sistemas orgânicos certificados, o não uso de insumos externos e a disponibilidade de fatores de produção têm sido fatores de valorização da carne bovina dos países do Mercosul no mercado internacional.

De forma geral, o crescimento das exportações mundiais de carne bovina no primeiro período analisado está relacionado ao abrandamento da política comercial internacional, pela redução das tarifas às importações de *commodities* agrícolas e pela redução da oferta dos países desenvolvidos; dessa forma, as *commodities* tiveram seus preços valorizados (Carvalho, 1995). Estes fatos favoreceram os países do Mercosul, que aproveitaram essas oportunidades para conquistarem novos mercados e aumentarem ainda mais suas exportações de carne bovina.

Assim, considerando as crises sanitárias que se abateram no setor de carnes no período analisado, pode-se afirmar que o Mercosul, enquanto exportador de carne bovina soube aproveitar as oportunidades que as foram ofertadas, de forma que suas exportações tiveram acréscimos no período, indicando maior dinamismo e maior competitividade dos países. A qualidade de seus produtos, os preços acessíveis e a confiança dos consumidores certamente foram fatores determinantes do bom desempenho do Bloco no comércio mundial.

## 7. CONCLUSÃO

Os resultados da decomposição das exportações de carne bovina dos Países do Mercosul indicam um crescimento diferenciado e mais expressivo no período 2002-2004, sendo o efeito crescimento do comércio mundial e o efeito competitividade os principais fatores explicativos para o aumento das exportações neste período.

O bom desempenho dos países do Mercosul no mercado internacional de carne bovina pode ser conseqüência dos sistemas de produção utilizados pelos países (sistemas orgânicos), da abertura de novos mercados após as crises sanitárias ocorridas nos rebanhos europeus e dos certificados sanitários emitidos aos países pela Organização Internacional de Saúde Animal (OIE).

Pode-se perceber que após a decomposição pelo CMS dos efeitos relacionados ao crescimento do comércio mundial, ao destino das exportações, bem como o efeito competitividade, que nos quatro Países analisados, os efeitos crescimento do comércio mundial e competitividade são os principais fatores explicativos para o aumento das exportações de carne bovina no período de 1986 a 2004.

A boa aceitação das carnes dos países do Mercosul nos mercados internacionais foi resultado ainda, das liberações quanto países livre de doenças como a BSE (vaca-louca), pela Organização Internacional de Epizootias – OIE. Assim, a qualidade dos produtos, os preços acessíveis e a confiança dos consumidores foram fatores determinantes do bom desempenho do bloco no comércio mundial.

Assim, considerando as crises sanitárias que se abateram no setor de carnes no período analisado, pode-se afirmar que o Mercosul, enquanto exportador de carne bovina soube aproveitar as oportunidades surgidas no mercado internacional, e ampliou sua participação nesse mercado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANÃS, R. e SEPULVEDA, N. La carne bovina en los países de Mercosur y Chile. FAO y Universidad Mayor, [S.l]: Agosto 2005.
- CARVALHO, F.M.A. O comportamento das exportações brasileiras e a dinâmica dos complexos agroindustriais. Piracicaba: ESALQ, 1995.126 p. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Agricultura Luiz Queiroz, 1995.
- CENTRO DE ECONOMIA INTERNACIONAL. Evolución del comercio exterior argentino Panorama Comercial Argentino, n° 35, Jun 2006.
- CORREA, E; NARANJO, J. Perspectivas da erradicação da febre aftosa na América do sul e seu reflexo no preço da arroba do boi, 3º SEMINÁRIO DA MARCA OB, *Anais*, Cuiabá-MT, 2005.
- FAO. Food and international trade. Disponível em: <<http://www.fao.org/default.html>>. Acesso em: 05 mar.2006.
- FAVERET, P; PAULA, S. Cadeia da carne bovina: o novo ambiente competitivo. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br>>. Acesso em: 25 mar.2006.
- FAVERET, P; PAULA, S. Exportações de carne bovina: desempenho e perspectivas. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br>>. Acesso em: 25 mar.2006.

- GONÇALVES, J; ALMEIDA, G. Exportações Brasileiras de Carne Bovina e seus principais Mercados: uma breve análise. **Informações Econômicas**, SP, v.33, n.9, p. 57 – 60, set. 2003.
- GONZÁLEZ, G. Implicações das reformas do setor agropecuário para a erradicação da febre aftosa e para outros aspectos de saúde animal. XII REUNIÃO INTERAMERICANA, A NÍVEL MINISTERIAL, SOBRE SAÚDE E AGRICULTURA, **Anais**, São Paulo- SP, 2001. CD-ROM
- HORTA, M. A inserção das exportações brasileiras: análise setorial no período 1980/1996. IPEA, jun., 2000. (Texto para Discussão n. 736).
- IEL-Sebrae-CNA- Instituto Evaldo Lodi; Sebrae; Confederação Nacional da Agricultura. Estudo sobre a eficiência econômica e competitividade da cadeia agroindustrial da pecuária de corte no Brasil. Brasília-DF, 2000.
- JUNIOR, F.; RAMOS, R. O consumo internacional de carne bovina.[S.l.: s.n.].
- LEAMER, E. E.; STERN, R. M. Constant-market-share analysis of export growth. **Quantitative international economics**. Boston: Allyn and Bacon, 1970. cap.7, p.171–183.
- MINISTERIO DE GANADERIA, AGRICULTURA Y PESCA DE LA REPUBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY. Disponível em: <<http://www.mgap.gub.uy>> Acesso em: 05 dez.2006.
- MINISTERIO DE INDUSTRIA Y COMERCIO – PARAGUAI. Disponível em: <<http://www.mic.gov.py/index.php>> Acesso em: 05 dez.2006.
- MIRANDA, S; MOTTA, M. Exportação de Carne Bovina Brasileira: evolução por tipo e destino. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br>>. Acesso em: 05 mar.2006.
- ROSA, F. Pecuária de Corte: Balanço de 2005 e perspectivas para 2006. Scot Consultoria, SP, jan. 2006.
- SAFRA Y MERCADOS. Disponível em: <<http://www.mic.gov.py/index.php>> Acesso em: 05 dez.2006.
- SAGPYA, Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentos de Argentina. Disponível em: < <http://www.sagpya.mecon.gov.ar/>>. Acesso em: 05 mar.2006.
- SECRETARÍA DEL MERCOSUR, Antecedentes do Mercosul. Disponível em: <http://www.mercosur.int/msweb/principal/contenido.asp> Acesso em: 05 mai.2006.
- SECRETARIA DE POLITICA AGROPECUARIA Y ALIMENTOS, Noticias en los mercados de la carne vacuna. [S.l.: s.n.],1ª quinzena de octubre de 2005.
- SEREIA, V.; CAMARA, M. As exportações Paranaenses e a competitividades do complexo agroindustriais. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 103, p.45-49, jul/dez 2002.



STALDER, S. H. G. M. Análise da participação do Brasil no mercado internacional de açúcar. Piracicaba, 1997. Dissertação (Mestrado em Economia) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

USDA, Departamento de Agricultura dos Estados Unidos da América. Disponível em: <<http://www.usda.org/default.html>>. Acesso em: 05 mar.2006.

VASCONCELOS,L. Dinâmica das exportações brasileiras de soja em grão. **Vertentes**, São João del Rei, v. 22, p. 84-99, 2003.

VICENTE, J. R. Evolução das Exportações Brasileiras de Carnes, 1997-99. **Informações Econômicas**, SP, v.30, n. 9, p. 32 – 37, set.2000.